

Documento

Norberto Bobbio,
Giancarlo Bosetti, Gianni Vattimo

A ESQUERDA NA ERA DO KARAOKÊ*

RESUMO: Trata-se de uma conversa entre Norberto Bobbio, Gianni Vattimo e o diretor da revista “Reset”, Giancarlo Bosetti. O encontro aconteceu por causa do livro de Bobbio *Destra e Sinistra*, publicado pela Donzelli em março de 1994 e que ultrapassou as cem mil cópias vendidas. Neste volume, além do debate suscitado pelo livro são abordadas outras questões, primeira entre todas a derrota da esquerda nas recentes eleições e os efeitos do longo período da tv sobre o debate político.

PALAVRAS-CHAVES: Esquerda. Eleições. Itália. Norberto Bobbio. Gianni Vattimo.

Francesco Erbani

BOBBIO, N.; BOSETTI, G.; VATTIMO, G. *La sinistra nell’era del karaokê*. Trad. Hilario Antonio Amaral. Roma: Donzelli, 1994.

2009

* Publicado com a devida autorização dos autores Gianni Vattimo e Giancarlo Bosetti. Publicado conforme original do tradutor Hilário A. Amaral.

A VITÓRIA DE MIKE BONGIORNO

INTRODUÇÃO DE GIANCARLO BOSETTI

Escrevia Umberto Eco em 1964: “Uma sábia política cultural (melhor, uma sábia política dos homens de cultura, enquanto todos corresponsáveis pela operação tv) será a de ensinar, até pela tv, os cidadãos do mundo futuro a adaptar a recepção de imagens com outra também rica recepção de informações “escritas”. E ainda: “...não seria utópico propor à tv uma série de transmissões didáticas para “descondicionar” o público, para ensinar a não assistir televisão mais que o necessário, para educar a identificar sozinho o momento em que o escutar não é mais voluntário, a atenção se faz hipnose, a convicção assentimento emotivo”. Estes trechos foram extraídos das páginas conclusivas do famoso e citadíssimo *Apocalittici e integrati. Comunicazione di massa e teorie della cultura di massa*¹. É inevitável a presença de palavras como “corresponsáveis”, “adaptar”, “didáticas”, “ensinar”, “educar”, que aludem a um modo de sabedoria e bom senso, de temperança e senso de medida (qualidades atribuídas à cultura e aos intelectuais como características e ao mesmo tempo como fonte de deveres e responsabilidades). Que efeito produz em nós lê-las hoje? Possuem um vago sabor *démodé*, mas, sobretudo, contrastam com a desconexa realidade mediática da Itália de hoje. Surgem como auspícios irrealizáveis, como fracas esperanças ridicularizadas, trituradas por um bando de feras, como uma nênia doce e galante abafada por cantos vulgares de cem mil bêbados.

Tudo aconteceu muito pior do que Eco poderia imaginar.

A culpa não é sua se as coisas contrariaram as hipóteses que ele apresentava em 1964, ou pelo menos - para ser pérfido mesmo - não é “toda” sua a culpa. Naquela época, a publicidade se apresentava com o garbo e a sobriedade de *Carosello*². O monopólio público e o paternalismo democrata-cristão garantiam a ordem e o decoro. Nem seria razoável culpar Eco por não ter sido profeta. Antes, deve-se dizer que aquele livro resiste muito bem ao tempo e não nos oferece somente um incomparável exercício de idas e vindas entre os planos altos e os baixos, entre a cultura das elites e a subcultura das massas de telespectadores,

¹ Bompiani, Milano, 1990, 9ª edição – no curso de uma vida empresta-se, perde-se e consome-se diversas cópias -, pp. 356-7.

² Comercial televisivo antigo e muito popular. (N. do T.)

entre Tony Dallara e Ruggero Bacone, Nietzsche e Campanile Sera. Oferece-nos ainda algo mais: estamos nas encruzilhadas por onde passava, por onde teria passado, a estrada da degeneração da sociedade televisiva, videocrática, atordoada, aturdida, sobre a qual estamos aqui a meditar. Ainda nos faz ver os pontos críticos através dos quais a televisão se transforma e os mecanismos através dos quais transforma em lixo a discussão pública.

Todavia, aquelas páginas de Eco, e mais em geral a influência que o escritor exercitou sobre a cultura da mídia italiana, prestam-se também a algumas considerações. (Seria, aliás, muito elegante que ele também estivesse entre aqueles que se ocupam deste aspecto não banal). A polêmica de Franco Cordelli contra o “cinismo frívolo e leviano” e a “cultura parodística” da *Raitre* (*La Stampa*, 16 de abril de 1994) possui algumas *flechas* perfeitas em seu arco. E são *flechas* pungentes para Ângelo Guglielmi, mas também para o autor de *Apocalittici e integrati*. De fato, o problema da incidência negativa do sistema televisivo sobre a vida da sociedade, sobre o tom do discurso público e sobre o próprio funcionamento da democracia é muito mais penetrante e difícil do que parecia para Eco, e não só para ele, em 1964. É mais difícil também do que lhe teria parecido nas décadas seguintes até pouco (realmente pouco) tempo atrás.

Quem, fazendo ou tendo feito, estudando ou tendo estudado longamente a televisão, não vê este problema ou de qualquer maneira o minimiza, provavelmente está perdendo a percepção das reais conseqüências do próprio trabalho, o senso da responsabilidade profissional, no seu significado literal. O industrial de sapatos deve fazer calçados que não te façam feridas nos pés, o padeiro não deve te dar pães envenenados, o produtor de tv (com maior razão porque o seu produto chega em casa sem que o consumidor vá comprá-lo) deve evitar que os televisores transformem-se em veículos de poluição e atordoamento geral. Uma mentira na qual alguém de boa fé não pode acreditar é que enfrentar este problema signifique cair necessariamente nos vícios do paternalismo e do Estado ético. Não existe visão liberal ou liberalista que justifique a ausência total de regras. Se um padeiro tentar nos envenenar ou um comerciante nos impingir sapatos defeituosos, não nos limitamos a utilizar as opções oferecidas pelo mercado, não nos limitamos a mudar de estabelecimento, não nos limitamos a dizer: senhores, procurem outro padeiro (solução “*zapping*” ou, segundo o esquema de Hirschman, solução “*exit*”), exigimos, justamente, muito mais. Guardadas as devidas proporções, chamamos a fiscalização ou a polícia, fazemos uma representação à magistratura, protestamos diretamente, tentamos fazer com que a licença do padeiro seja cassada, pedimos

um ressarcimento, nos unimos a uma associação de consumidores que nos dê instrumentos de defesa, pedimos que se façam controles periódicos do produto instituindo um laboratório especial, etc (escolhemos, em suma, a solução “voice”). Encontra-se a medida certa. Não se chama a polícia por causa de um contratempo mínimo, mas, certamente, não toleraremos sem reagir seja qual for o tipo de dano. Ora, não se vê porque a televisão deva colocar-se num âmbito de irresponsabilidade social, como não acontece com outro produto de nossa civilização. O *zapping* não é, infelizmente, uma divindade capaz de exorcizar todos os males.

Esta linha de pensamento e de pesquisa de instrumentos de defesa ou de autodefesa deve finalmente impor-se à atenção também na Itália. As barreiras erguidas contra qualquer forma de regularização televisiva em nome dos princípios da liberdade econômica ou da liberdade de opinião parecem, afortunadamente, destinadas a cair.

A conversa com Norberto Bobbio e Gianni Vattimo, que organizei e pensei em função de um aprofundamento dos temas do recente livro do primeiro, *Destra e sinistra*, depois do resultado eleitoral assumiu um caráter parcialmente diferente e fornece muitas instâncias para um repensamento dos trabalhos e das possibilidades da esquerda italiana. Entre as diversas idéias que cada leitor pode extrair dela, duas se impõem com particular força: a primeira diz respeito à necessidade da esquerda conseguir liberar-se da posição conservadora que continua a ocupar no confronto político com uma direita que tem o monopólio da iniciativa e parece sempre, a propósito e a despropósito, mais dinâmica; a segunda diz respeito à televisão e às conseqüências.

O trabalho da esquerda, como temíamos, não é simples: inclinar-se para uma linha “regulativa” ou “ecológica” em relação à televisão é um desafio, pelo menos numa primeira fase, à popularidade de uma televisão abundante, aparentemente gratuita e que ultrapassa qualquer limite.

Na conversa, este último tema, que podemos reassumir sob a forma da “vitória de Mike Bongiorno” - ou seja, a irresistível afirmação de uma televisão comercial que modelou à sua imagem todos os rincões - adquire uma evidência particular. Tanto Bobbio como Vattimo lhe acrescentam uma acentuação pessoal. O primeiro, de fato, também para evitar equívoco, esclarece que, quando fala da influência política da televisão, não procura álibi para explicar a derrota eleitoral, não pensa tanto na quantidade de aparições televisivas de Berlusconi (e nem mesmo na sua figura de proprietário de tv que chega ao governo somando uma quantidade

espantosa de poderes, problema que, todavia permanece e é enorme), quanto no fato que uma sociedade assim fortemente condicionada pela televisão em geral é “*naturaliter* de direita”; enquanto Vattimo, por sua vez, acrescenta à idéia de uma “ecologia do ar” o acento psicológico da correção de uma precedente opinião sua expressa em *La società trasparente*³. Ou seja, chega a uma conclusão análoga à de Bobbio, mesmo partindo de uma tendência contrária.

Na verdade, há cinco anos Vattimo já enxergava, “no advento da sociedade da comunicação” e no domínio dos *mass media* o afirmar-se de uma sociedade mais caótica, mas julgava que “justamente neste relativo ‘caos’ residem as nossas esperanças de emancipação”. Seria difícil interpretar a sua posição de então, ainda que, certamente, mais otimista que a de hoje, como apologia dos poderes midiáticos constituídos. O que Vattimo descrevia era mais um processo de “explosão e multiplicação de Weltanschauungen, de visões do mundo”. Aquele livro registrava que o “efeito mais evidente dos *mass media* é uma “multiplicação vertiginosa da comunicação”, é a “tomada de palavra por parte de um número crescente de subculturas”. O autor julgava tudo isso preponderante em relação à perspectiva “demoníaca” de Adorno e seus colegas de Frankfurt, segundo os quais os *mass media* eram mais um multiplicador do totalitarismo do poder e um instrumento de homologação das massas (pp 11-3). Mas o que importava para Vattimo, no plano teórico, era encontrar uma estrada a mais que conduzisse à dissolução do assunto e da idéia da história “como curso unitário” (p. 9), à erosão do ser e à confirmação do “fim da modernidade” (p. 15). A filosofia, em suma, impelia Vattimo a simpatizar com uma desordem televisiva que lhe parecia, por si mesma, capaz de derrubar obstáculos a uma comunicação transparente, dado que no caos nenhum poder consegue ser opressivo. Hoje, Vattimo, como provavelmente Eco, parece muito incerto com relação à possibilidade de que neste “caos” existam possibilidades de “emancipação” e que o mercado televisivo, através da livre concorrência, por força do *zapping* nos leve para fora deste atordoado império do karaokê.

Chego a esta convicção depois das afirmações de Eco em sua entrevista a Eugênio Scalfari, *Repubblica* de 02 de março de 1994, onde ele compara a condição da tv, que chega gratuitamente nas casas sem nenhuma limitação, à hipótese de que pelas torneiras d’água jorrassem bebidas alcoólicas. Nesse caso, “o estado

³ Garzanti, Milano, 1989.

deveria preocupar-se em disciplinar a distribuição e também em controlar os ingredientes delas”.

Tudo isso significa que agora a esquerda deveria regredir e retomar a “crítica ao sistema de domínio burguês” e inserir nesse âmbito (fundamentalmente marxista) um ataque aos *mass media* (tóxicos) e à sociedade por eles modelada (intoxicada)? Pessoalmente, acredito realmente que não: as várias versões de uma recusa sistêmica dos *media* parecem destinadas a criar o fim de toda cultura romântica, nostálgica e passadista. Por mais que a história, como sustenta Vattimo, vá perdendo o aspecto de um “curso unitário”, e seja qual for o pensamento da cultura do “pós-modernismo” sobre isso, a idéia de uma regressão tecnológica continua a parecer irrealista e insensata.

Não devemos, portanto, repudiar a iniciativa cultural de quem, como Eco, nos anos sessenta contribuiu para destruir as atitudes aristocráticas de uma esquerda que tendia a identificar-se com a cultura “alta” e que desprezava a cultura “de massa” (porque pensava dever proteger as massas da hegemonia burguesa e do perigo da “integração”), mas será necessário também meditar sobre as razões pelas quais a idéia de que os meios de massa pudessem “veicular valores culturais” (como sustentava Eco) foi submersa por imensas montanhas de lixo. Haja vista as defesas do próprio Eco em favor de uma intervenção dos intelectuais, com a sua ação crítica acompanhada de uma intervenção política para melhorar o uso dos *mass media* (ainda em *Apocalittici e integrati*, p. 29-64). Veremos como as intenções, justas, se revelam com o juízo de hoje totalmente desarmadas diante dos poderes econômicos, políticos e midiáticos que as atropelaram completamente.

A diferença entre a bondade das intenções e o horror dos resultados, trinta anos depois, é desconcertante. E ocorre, de fato, perguntar-se se a equidistância entre os “apocalípticos” e os “integrados” (que se podia também traduzir, como sugerido pelo próprio Eco, “nem com Marcuse, nem com MacLuhan”) não resulte hoje avarenta para com Marcuse e muito benevolente para com MacLuhan: o rincão italiano de hoje seguramente assemelha-se mais ao íncubo do primeiro que ao paraíso do segundo.

Mas se os julgamentos dos *media* sobre a qualidade do rincão também podem ser discutíveis do ponto de vista da “altura” da cultura que circula dentro dele do ponto de vista estético, a razão pela qual a política não pode se subtrair à definição de *standard* e a critérios de intervenção é que o sistema massmidiático, e em primeiro lugar a televisão, influi sobre o funcionamento da democracia e o estraga num ponto determinante, a formação da opinião e do juízo.

“Certamente Marcuse!”, escreveu Giovanni Sartori a esse propósito desenvolvendo nas páginas conclusivas de *Democrazia. Cosa è*⁴ um raciocínio assim simplificável: a televisão substituiu o *homo sapiens* pelo *homo videns*, isto é, um animal que “vê sem saber”. Mas a democracia outra coisa não era senão um investimento sobre o *homo sapiens*; razão pela qual “se o *homo sapiens* está em perigo, a democracia está em perigo”. Por causa da tv.

Em outras palavras, é totalmente legítimo trabalhar, do puro ponto de vista da tutela das condições de funcionamento da democracia, para que na vida pública se possa desenvolver um discurso racional sobre as coisas, para que se forme uma opinião pública e que essa possa examinar os problemas da sociedade e motivar as deliberações conseqüentes. Para obter este objetivo é preciso respeitar algumas regras do jogo, que provavelmente devem ser como as que combatem toda forma de abuso e de opressão. Estamos no campo das garantias oferecidas à sociedade para que possa consentir o desenvolvimento das capacidades de discernimento dos seus cidadãos através da comunicação. Esta comunicação deve ser protegida, ecologicamente, das distorções que ameaçam a democracia como confronto livre de razões, discursos, propagandas, retóricas e tudo mais. Como se vê, estamos numa zona de escavações amplamente trabalhada pela cultura contemporânea de ascendência crítico-frankfurtiana. Habermas e Sartori parecem dar-se as mãos ainda que de margens tão distantes.

Além de algumas falas superficiais, não parece que a cultura da esquerda italiana seja muito sensível a este problema. A credibilidade da velha esquerda em questão está decididamente comprometida pelo seu envolvimento no loteamento da tv pública. O mais evidente e talvez o mais grave resultado desta corresponsabilidade geral dos partidos foi o descrédito lançado sobre as possibilidades da ação pública sobre os *media* enquanto tal. Basta evocá-la para que venham em mente os processos pelos quais se atribuíam as direções de redes, telejornais e, descendo pelas ramificações, todo o resto. Com relação à televisão, parece destacar-se um temor que impede pensar no papel da ação do Estado, que ao contrário é e permanecerá fundamental e insubstituível. Seria curioso que estes reflexos, devidos à herança de um sistema político associativo ou a um mal entendido espírito teleliberal, continuassem a paralisar a esquerda agora que chega ao poder, com

⁴ Rizzoli, Milano, 1993, pp. 324 sgg., que retoma o capítulo *Video-potere*, em *Elementi di teoria politica*, Il Mulino, Bologna, 1990.

Berlusconi, o grande protagonista do desastre televisivo italiano, o homem responsável pelo fato da Itália apresentar-se, ainda hoje, como uma espécie de vídeo-feudalismo.

Contudo, parece que a direita continuará a se beneficiar desses paradoxos e dessas deformações do espírito público.

E o fará, até que a discussão se intensifique à esquerda motivada pela excessiva herança e pelos muitos herdeiros do passado. O tema das “caras novas” será muito mais intenso enquanto que os velhos (velhos não de idade, mas de responsabilidade política) continuarão a ocupar-se das mesmas coisas.

A discussão, então, fica condicionada negativamente pelo pacote de justificações de quem “fez” a televisão, ao menos por aquilo que era da sua competência, desempenhando o seu trabalho de maneira, no mínimo, duvidosa. Por exemplo, respondendo às citadas críticas de Franco Cordelli, Angelo Guglielmi, que foi responsável pela Terceira rede, confessa em nome de um “nós” que se refere, presume-se, à corrente literária à qual Guglielmi pertenceu, a um “nós” feito de “protagonistas e herdeiros dos anos sessenta”, ter interpretado o próprio trabalho de maneira muito peremptória e pessoal: “Decidimos continuar (nem podíamos fazer outra coisa) a ser uma presença incômoda e nas mais sérias responsabilidades que nos foram confiadas no campo da comunicação nos propusemos a adotar uma ação de violenta crítica às linguagens conformistas e oficiais, subvertendo tabus e preconceitos radicados. Não víamos outro papel para nós senão o de considerar em desordem a realidade...”⁵. Seria possível discutir longamente sobre a curiosa natureza de um mandato interpretado de maneira tão fatalista, sobre a contribuição à confusão que dele derivou, sobre a especulação entre o fulanismo das redes de Berlusconi e o fulanismo de Blob, sobre os delírios de onipotência que invadiram o ambiente televisivo nesses anos. Mas não são, certamente, estes os materiais que faltam para a discussão pública: programas, organogramas, hipóteses de cessão de redes, estratégias de venda.

É grande a falta de uma visão de conjunto do caráter desastroso do nosso sistema televisivo, que tem fundamentalmente duas causas: a perversão político-institucional que gerou um duopólio sem igual, monstruoso seja do lado público ou do privado (e monstruoso também por ter desequilibrado todo o mercado publicitário em detrimento da imprensa escrita); e o retrocesso tecnológico do mercado

⁵ *Tuttolibri*, suplemento de *La Stampa*, 23 de abril de 1994.

televisivo, que apresenta uma oferta muito pobre de opções: satélites, tv a cabo, circuitos especiais, vídeo-gravação, etc. Falta um conhecimento difuso das alternativas que poderiam superar a diferença entre a riqueza da oferta televisiva em outros países e a nossa, falta um conhecimento das conseqüências da televisão sobre a sociedade, falta o contrapeso de uma imprensa escrita mais forte e autônoma e falta, enfim, o contrapeso de um conjunto de poderes, limitações antitruste efetivas e controladas, mas também grupos de pressão que tutelem a audiência e a organizem em alguns grupos (pais, crianças, idosos, minorias religiosas, raciais, etc.).

A vitória de uma direita televisiva torna absolutamente prioritária a necessidade de uma esquerda culturalmente equipada sobre estes últimos pontos. A Itália pertence a uma área televisivamente subdesenvolvida no mundo, no sentido que está ainda numa fase, que se pode definir de transição (com a condição de sair dela), caracterizada pela dependência da quase totalidade da audiência pelo *zapping* noturno sobre a oferta nacional *in diretta*. Podemos comparar nosso público aos times de futebol “*da oratorio*”, onde todos se precipitam sobre a bola ao mesmo tempo. Num time tecnicamente mais desenvolvido as posições distribuem-se pelas várias partes do campo. Do mesmo modo, o progresso televisivo pode ser descrito como “articulação” da oferta e a tendência que dele resulta reduz a importância das teleafirmações do personagem fixo do horário nobre. As pessoas se dividem cada vez mais para ver mais coisas. O resultado é que o quintal da discussão pública alarga-se e resulta menos rumoroso e confuso. E por mais que alguma rede insista em transmitir somente lixo, o dano é de qualquer modo mais limitado.

Esboçam-se trabalhos de ação política e de pesquisa. A divulgação dos objetivos de uma política nova na época da videocracia, do berlusconismo, ou, se preferirem, da vitória de Mike Bongiorno e do karaokê deveria pelo menos começar pela promoção de uma pesquisa, ou uma série de pesquisas, sobre a sociedade italiana inundada pela tv, do gênero das que vêm sendo realizadas nos Estados Unidos. Essas imagens deveriam responder à pergunta: quais foram e quais são as conseqüências da televisão sobre as crianças, sobre a escola, sobre o trabalho dos professores, sobre a terceira idade, sobre os *heavy viewers* (presos, doentes crônicos, etc.), sobre os consumidores, sobre os estilos de vida, sobre a linguagem, sobre as famílias, sobre a cultura e, *last but not least*, sobre o funcionamento da democracia.

Coragem, midiólogos e sociólogos, estamos numa estação de grandes trabalhos. E o que, infelizmente, não se fez antes, faça-se agora.

I – ENTRE CONSERVAÇÃO E INOVAÇÃO

BOSETTI: Estamos aqui para discutir o livro de Bobbio, *Destra e Sinistra. Ragioni e significati di una distinzione politica*, publicado pela Donzelli em março passado, que obteve excepcional sucesso editorial. É evidente, porém, que, pelo seu próprio conteúdo, um livro como este nos remete imediatamente à atualidade. Do ponto de vista da distribuição das partes na comédia, encontramos-nos diante de uma situação que deve gerar muita reflexão: a direita apresenta-se e age como uma força de inovação institucional, também muito perigosa nas suas extremidades; a esquerda, ao contrário, tende a assumir o papel de defensora do sistema político, da velha República, da Constituição como algo intocável. Este estado de coisas me leva a colocar como primeiro argumento para a nossa discussão o que eu pensava reservar para o final: parece que os papéis mudaram, entre direita e esquerda, em relação ao que as nossas convicções nos faziam pensar. Existe um extraordinário contraste entre o que acontece e as teses, que publicamos e discutimos em *Reset*, de um estudioso como Roberto Mangabeira Unger⁶. Este filósofo da política e do direito sustenta que a tarefa da esquerda é exatamente a contínua invenção e reinvenção institucional, enquanto a direita tende geralmente a caracterizar-se pela defesa das instituições existentes.

BOBBIO: De fato, na distribuição clássica das partes, a direita representa o tradicionalismo. Eu examinei um grande número de critérios para distinguir a esquerda e a direita e um dos mais importantes é justamente o tradicionalismo, isto é, a conservação, ou seja, a redução ao mínimo de coisas a modificar. Existe como uma prescrição histórica, diz a direita, que deve ser considerada. E o próprio fato das coisas amadurecerem no curso do tempo é uma garantia para a direita.

⁶ De R. Mangabeira Unger pode-se ver a obra em três volumes *Politics, a Work in Constructive Social Theory*, Cambridge University Press, Cambridge, 1987-88. O único volume de Unger traduzido na Itália é *Conoscenza e politica*, Il Mulino, Bologna, 1982. Cfr. além disso, Id., *Tredici tesi per rifare la sinistra*, in *Reset*, I, 3 de fevereiro de 1994, pp. 42-5; G. Bosetti, *Vuole riaccendere la politica*, *ivi*, p. 43; S. Rodotà, *Discutiamo queste tesi*, *ivi*, pp. 45-6; R. Viale, *Una sinistra con fantasia*, *ivi*, pp. 46-7; M. Bovero, *Ma così si affonda la sinistra*, in *Reset*, I, 4 de março de 1994, pp. 72-4; G. De Michelis, *No, finalmente abbiamo un punto di vista nuovo*, *ivi*, pp. 74-5; M. Salvati, *Il caso Unger, sinistra è: liberarsi della falsa necessità*, in *Reset*, I, 5 de abril de 1994, pp. 43-5.

BOSETTI: Vejam que se trata de um belo mistério. Com um complicador que diz respeito ao próprio Bobbio. Enquanto fazemos um exame severo de uma esquerda que prefere conservar este sistema político, noto que estamos adotando um gênero de crítica igual àquele que foi empregado recentemente por Gianfranco Pasquino, a respeito de Bobbio, num extenso artigo publicado na *Rivista dei libri*. Porém, Pasquino, que destaca uma grande quantidade de méritos de Bobbio, também usa o adjetivo “conservador” a propósito da sua atitude com relação ao tema da reforma da Constituição e do sistema político⁷.

BOBBIO: E eu lhe dou razão dizendo que isto depende em grande parte de motivos psicológicos. Noto perfeitamente que estes contam pouquíssimo para os efeitos da nossa discussão, mas é um fato que a minha maturidade política aconteceu nos anos em que houve a Resistência e que foi elaborada a Constituição. Sinto-me muito ligado àquelas experiências. Mas queria acrescentar uma segunda razão que me levou a resistir à idéia da Segunda República: o fato dela ter sido levada adiante por Bettino Craxi e por um grupo de dirigentes do PSI pelos quais nunca tive muita simpatia. Vim cada vez mais me convencendo de que se tratava de um elemento de ruptura da vida e do desenvolvimento da Primeira República.

VATTIMO: Eu não posso compartilhar dessas razões psicológicas da atitude de Bobbio, também porque nos anos da Resistência eu era uma criança, mas acredito ver algumas explicações sobre este conservadorismo da esquerda italiana: ela, ou pelo menos uma grande parte dela, liberou-se lentamente, nas últimas décadas, do mito da revolução e descobriu relativamente há pouco tempo o valor que têm as regras do jogo. Isto explica em termos não puramente difamadores porque hoje a esquerda parece mais entrincheirada em defesa da Constituição. Além disso, uma convicção cara à esquerda, e que parecia compartilhada por grande parte da opinião pública, era de que a Constituição nunca havia tido uma atuação

⁷ G. Pasquino, *Bobbio filosofo dell'Italia civile*, in *Rivista dei libri*, IV, 3 de março de 1994, pp. 4-6. “Não é excessivo pensar que uma contribuição mais incisiva, mais decidida, mais intensa de Bobbio à reforma da política deste país teria tido algum efeito positivo. À luz de sua presença cultural e de sua autoridade moral, de sua capacidade de impor os temas e de precisar os termos da discussão, este pensar é justificado. De modo que, depois de ter manifestado estima pela colaboração de Norberto Bobbio, por mais de quarenta anos, para a cultura política italiana, não se pode deixar de deplorar nele a relutância reformadora. Afortunadamente, dada a extensão e a dificuldade da transição político-institucional, ainda não é tarde para tratá-la.

completa, Um dos maiores objetivos, portanto, era realizar o projeto constitucional, não reformá-lo. Mas agora, parece-me muito grave o risco, da nossa parte, de superestimar as dimensões do sucesso da direita, que tem maioria numérica no Parlamento, mas não tem a maioria dos eleitores.

BOSETTI: Entretanto, as regras do jogo eram estas e é difícil contestar que o eleitorado tenha se expressado numa certa direção.

VATTIMO: A composição do Parlamento é o resultado deste sistema eleitoral, mas existe certamente uma maioria numérica de eleitores que não votou na direita. Não digo isso para colocar em dúvida a utilidade do nominal no funcionamento de um sistema político, mas porque as relações de força são consideradas no caso de se ter um *referendum* para evitar o aumento da derrota da esquerda. Com relação às eleições precedentes, a estrutura do corpo eleitoral mudou relativamente. Alguns partidos mudaram de nome, outros desapareceram, mas o eleitorado moderado sempre foi maioria na Itália. E também há o fato de que o centro recebeu um pouco de votos, ficando sozinho e não fazendo bloco nem à direita nem à esquerda.

BOSETTI: Fiquemos por enquanto no tema do conservadorismo da esquerda.

VATTIMO: Não creio que se deva recriminar demais o fato da esquerda ter defendido a ordem constituída. Em tempos que a direita apresenta-se como revolucionária, parece-me inevitável que a esquerda defenda a Constituição. Nós não temos o mito da revolução pela revolução, do novo pelo novo. A direita vence com propostas que são novas, sobretudo, no campo da publicidade, da propaganda, que funcionam melhor como mito coletivo. Mas trata-se de um melhor relativo, porque a maioria numérica do país ainda não apóia a direita. Para sintetizar o meu pensamento sobre este ponto, diria que, de fato, não me envergonho de defender a Constituição no seu todo.

BOBBIO: Mas agora, trata-se de entender se a decisão de manter a fé na Constituição, que sempre correspondeu um pouco à minha inclinação, não seja um erro. O problema será enfrentado nestes termos: manter a fé na Constituição é uma coisa justíssima enquanto nela estão fixados os princípios fundamentais do Estado de direito e do Estado democrático. A Constituição, de fato, não contém somente as normas que dizem respeito à organização do Estado, mas também

aquelas relativas aos direitos de liberdade e aos direitos sociais. É evidente que não queremos e não podemos renunciar a esses direitos. É preciso prestar muita atenção aos perigos que recaem sobre esta parte da Constituição. De mais a mais, a introdução de uma organização estatal diferente, oxalá de uma república presidencial, não parece uma modificação perturbante. Existem muitas democracias estruturadas desse modo. O que conta é manter intactos os princípios essenciais que representam o fundamento da democracia na Itália. Mas agora que a nossa direita mostra grande dinamismo é preciso avaliar se a idéia de manter intacta a Constituição não se constitui numa bola de ferro presa ao pé para uma esquerda que queira ampliar seus acordos.

BOSETTI: A inversão dos papéis em relação a um esquema que prevê a esquerda do lado da inovação institucional e a direita do lado da conservação beira a caricatura. Acontece que, um pouco por causa da deformação dos adversários, um pouco por causa da posição tomada no campo da esquerda, define-se um curioso efeito ótico: parece que a esquerda italiana coincide com o velho sistema político, como se durante toda a sua história do pós-guerra não tivesse estado na oposição, mas no governo.

VATTIMO: Na definição desta cena atuaram razões contingentes, que acabaram voltando-se contra a esquerda. A esquerda foi a menos atingida pela tempestade dos processos contra a corrupção e, portanto, inovou menos no plano pessoal político. Em suma, Craxi precisou esconder-se, Occhetto não. E Occhetto é um *leader* de partido oriundo da primeira República, com muitos outros personagens da esquerda. Mas agora as reações da esquerda e a questão da sua relação com a Constituição deverão ser analisadas de outro modo. Se a Liga, Força Itália e Aliança nacional defendem propostas de mudança radical da Constituição, a ponto de mudar o nome do país, como um Parlamento que não foi eleito para a função constituinte, mas somente para legislar e expressar um governo, isto justifica muitas preocupações, em geral, sobre o tipo de tratamento que poderá ser reservado à Constituição. Eu nunca acreditei que o federalismo fosse um perigo, ainda que me pareça que em seu nome sejam defendidas propostas absurdas. O risco é outro: se os conteúdos das reformas constitucionais diferentemente propostas pela direita não são tão dramáticos, mas só um pouco clamorosos, isso demonstra qual consideração estes senhores têm pela Constituição. O elemento que deve preocupar é o fato de uma maioria parlamentar, que não é o mesmo que maioria no país,

trabalhar para mudar as regras do jogo depois de ter vencido, perturbando, mais que os arranjos institucionais, algumas normas fundamentais da vida política democrática.

BOBBIO: Se, efetivamente, sustentamos que esta é uma maioria subversiva, então resta à esquerda somente a opção de se colocar em posições defensivas, um pouco como aconteceu próximo à ascensão do fascismo. Este é o ponto: trata-se de saber se esta é uma direita normal, uma direita conservadora como existe em todos os países democráticos, ou então se esta é uma direita subversiva. Diante de uma direita que deseja introduzir mudanças radicais, uma esquerda que entenda ter fé nos princípios fundamentais da democracia e do Estado de direito pode encontrar-se em dificuldade. Quanto à possibilidade para a esquerda de mudar as relações de forças eleitorais, sou mais pessimista que Vattimo.

VATTIMO: A propósito do que aconteceu em 1920-21 gostaria, porém, de acrescentar que sempre se observou que o fascismo surgiu como reação revolucionária a uma posição revolucionária da esquerda. Em outros termos, culpou-se a esquerda de não ter defendido suficientemente o Estado liberal, antes, de ter favorecido o advento do fascismo. Hoje, portanto, não devemos vê-la como uma esquerda que tutela as regras do jogo constitucional. O problema é o modo como a esquerda se coloca na competição eleitoral. Esforçamo-nos o suficiente para apresentar uma esquerda capaz de reunir os votos do centro? Está aqui o seu único futuro possível. É muito difícil que a esquerda possa vencer enquanto revolucionária. E o primeiro passo a ser dado é o da defesa das regras do jogo, a defesa da Constituição liberal-democrática; não, certamente, a proposta de alternativas extravagantes.

BOBBIO: Há que se ver se este comportamento está destinado a aumentar o consenso. Eu sou mais pessimista que você no que diz respeito ao futuro recente da esquerda. É possível que ela se veja de novo, tão rápido como o futuro desta direita, diante de estímulos também subversivos que provavelmente estimulem a simpatia dos italianos? Este é o ponto. E eu, francamente, não sei dar uma resposta precisa. A impressão é que se a esquerda se colocar numa linha de defesa, ainda que justa, da Constituição, arriscará perder outros votos.

VATTIMO: Também porque o programa da direita, seja pelos aspectos

institucionais ou pelos políticos, está substancialmente ancorado à sociedade dos dois terços (ou, se quisermos, dos quatro quintos). Há vinte por cento de cidadãos que não são considerados para nada, que não são eleitoralmente influentes, e para os quais é menor a tutela do assistencialismo. São pessoas excluídas do mundo.

BOBBIO: Eu sei, mas já foi explicado muitas vezes que a razão da dificuldade de se mudar a política nas sociedades dos dois terços depende do fato de que bastam os consensos dos dois terços para governar e que, portanto, o terço restante não interessa mais. O fenômeno é muito evidente nos Estados Unidos, onde o terço marginalizado não tem um peso político. E os dois terços são compostos por pessoas pelo menos parcialmente satisfeitas com a sua condição e que não têm mais, portanto, um estímulo para votar na esquerda.

VATTIMO: Se as coisas fossem exatamente assim, então deveríamos dizer que Bertinotti tem razão ou que têm razão os partidários de uma esquerda revolucionária, que assume para si o dever de exercer uma função minoritária, marginal, porém muito incisiva. A tarefa da esquerda seria, tradicionalmente, a de defender os direitos dos fracos numa sociedade em que os fracos são uma minoria eleitoral, enquanto o resto da sociedade reúne-se em torno de uma maioria estável. Isto concederia à esquerda o dever de conduzir uma oposição dura, com o objetivo de impedir que os outros ganhassem estrondosamente ou violassem as regras do jogo. Se realmente fosse possível agregar uma maioria permanente dos satisfeitos (o que, não é, de fato, tão simples como estamos presumindo por comodidade de raciocínio), os caminhos da esquerda seriam obrigatórios: em favor dos fracos para defendê-los um pouco com o obstructionismo parlamentar, um pouco com o sonho da revolução. Mas é uma perspectiva não muito atraente.

BOBBIO: Mas também somente do ponto de vista do funcionamento da democracia, isto é, de um regime que se rege sobre o princípio da maioria, o fato de uma sociedade dos dois terços atuar de modo que o terço marginalizado nunca possa vencer é um problema gravíssimo.

BOSETTI: Não é que nos encontremos, agora, presos de novo ao enigma dos dois terços, inventado por Peter Glotz há uns quinze anos, só porque estamos no clima da derrota eleitoral da esquerda? De resto, as teorias da sociedade dos dois terços foram a base de um pensamento político, para os sociais-democratas alemães

como para todos os grandes partidos da esquerda, que visavam a conquista dos votos moderados. O esquema dos dois terços serve para descrever uma situação em que a esquerda não tem mais bases sociais que se expandem automaticamente com o avançar do desenvolvimento econômico; serve para explicar com grande clareza como se deteriorou o perímetro virtuoso da social-democracia e como os votos para governar devem ser recolhidos numa competição aberta entre as várias propostas políticas. Esta competição não acontece mais, solidamente, sobre trilhos definidos pelas classes sociais e pelos rendimentos; joga-se sobre fatores múltiplos e menos previsíveis. Certamente, o elemento ideal mantém uma extraordinária importância, ou melhor, talvez essa importância tenha crescido.

VATTIMO: Uma vez Giovanni Sartori disse que o socialismo é uma atitude moral e não um programa político. Mas se nas nossas democracias as coisas estão assim e se a parte satisfeita da sociedade é numerica e eleitoralmente mais potente ...

BOBBIO: Isto seria dizer que a esquerda pode apenas fazer uma oposição dura, obtendo alguns resultados, como aconteceu na primeira parte da história da República. A esquerda soube então condicionar o desenvolvimento do país. É graças àquela oposição que a Democracia Cristã foi solicitada a instituir o estado social. A esquerda não governou, mas certamente influenciou para que não prevalecesse na Itália um liberalismo selvagem, como este que se arrisca a governar agora.

VATTIMO: O problema que temos pela frente é, portanto, muito complicado e podemos descrevê-lo assim: até que ponto é lícito adotar autênticas mitologias como as da direita só porque, se não o fizermos, continuaremos em minoria? Eu confesso que não me sinto animado a conduzir uma operação como essa.

II - AS CONSEQUÊNCIAS DA TELEVISÃO

BOSETTI: Vejamos se é possível encontrar uma solução para as dificuldades descritas por Bobbio sem cair nas mitologias de que fala Vattimo. Devemos rechaçar como mitológica qualquer forma de mobilização política ligada a um ideal? Evidentemente não. Unger realizou uma série de encontros, na Europa, com intelectuais social-democratas e expôs para eles o problema da “mobilização” na vida política. Certamente o conceito não é novo e pertence ao vocabulário mais comum da esquerda.

VATTIMO: E também da direita.

BOSETTI: Seguramente também da direita, dos fascistas e dos nazistas. Estamos habituados a pensar, com fundamento, que para a democracia é conveniente uma temperatura política baixa, com pouca ou nenhuma mobilização. Mas será necessário refletirmos um pouco sobre este ponto. A idéia da democracia como sistema político da apatia e da indiferença dos cidadãos tem um ponto de ruptura. Talvez estejamos verificando-o agora às custas da esquerda. Existem várias posições sobre este tema, mas é difícil fugir do ponto: a democracia precisa de atores políticos e sociais para funcionar, de partidos e de sindicatos, de participação e de empenho. Certamente, vai longe o tempo em que Sartre falava de uma temperatura das “massas” a ser levada “ao calor branco”, mas nos perguntamos: a política democrática e, em particular, a política da esquerda podem sobreviver sem a participação, o empenho e, quando acontece, a mobilização?

VATTIMO: Não, mas atenção: Sartre era expressão, entre muitas outras coisas, de uma esquerda democraticamente vencida, mesmo se politicamente ativa. E também as imagens de Unger vêm de um ambiente cultural, como o americano, onde a esquerda configura-se programaticamente como derrotada. Numa sociedade tipicamente de direita, como poderia ser a italiana daqui a alguns anos, com a Força Itália no poder, podemos ser levados a pensar na mobilização em termos “bertinottianos”, isto é, com uma oposição que procura de algum modo se fazer ouvir e que quer reafirmar certos pontos.

BOSETTI: A idéia de Unger de colocar em cena a mobilização do povo, de levantar a temperatura da participação, não nasce do desejo de encontrar, de qualquer maneira, uma função para a esquerda, mas da necessidade de superar os estrangulamentos, os *deadlocks*, os pontos mortos que se apresentam nas democracias ocidentais, as situações de estagnação em que a ação política não consegue sair da paralisia, liberar-se do parasitismo, derrotar a grande criminalidade, melhorar os serviços burocráticos e outros. Nesses casos, Unger considera possível remover os blocos através de um *leadership* mais forte, investido de mais poder, com um recurso mais freqüente às urnas, com elementos de plebiscitarismo.⁸

⁸ Unger, *Tredici tesi...*, in *Reset*, cit.

VATTIMO: E como pode a esquerda ter o comando dessas fases de plebiscitarismo? Como é possível se não se considera o problema dos *media*? Uma visão deste gênero comporta uma grande disponibilidade de meios de comunicação. Trata-se de uma espécie de *decisionismo* democrático numa versão de esquerda.

BOSETTI: O tipo de problema que se apresenta nos países desenvolvidos, ainda hoje em fase de recessão e com uma forte desocupação permanente, pede respostas políticas não tradicionais. E estamos diante de uma escolha: ou a esquerda se afasta do poder, por sabe-se lá quanto tempo, porque somente os governos de direita sabem exercê-lo (com novas misturas de autoritarismo, liberalismo e mitologias consolatórias), ou então tenta uma destas versões políticas de esquerda, admitido que existam. Então gostaria que vocês se pronunciassem sobre esta idéia: uma esquerda que queira competir com a direita e vencê-la nestes anos deve saber propor visões e soluções institucionais novas ou deve apresentar-se como advogado defensor das velhas instituições?

VATTIMO: Existe uma confusão entre o que está acontecendo na Itália no plano institucional e o resultado das eleições. Não acredito que o povo seja, efetivamente, tão sensível à renovação institucional. A Liga é a formação que mais defendia o federalismo, a transformação do Estado. No entanto, diminuiu os seus votos. Portanto, não apoio a ênfase dada às questões institucionais como capazes, mais que outras, de produzir consenso eleitoral. Estou convencido, como Unger, de que a esquerda somente pode existir numa sociedade em que a política não seja tão marginal, onde a política não se reduza a ter eleições a cada quatro anos, ou até a cada oito como uma vez disse Miglio, onde a participação tenha uma certa intensidade. Preocupa-me que o nível da participação seja desequilibrado pela preponderância da direita por causa da sua grande disponibilidade midiática. Não me espanta que na América manifestem-se idéias como a de Unger, mas não me espanta também que não sejam vitoriosas. A idéia de um crescimento da participação, de uma maior mobilização política do povo com o favorecimento da esquerda, não funciona na prática porque o mundo da comunicação está, desgraçadamente, seja na América ou na Itália, concentrado nas mãos de um setor político. Este fator altera as regras e deve ser considerado quando falamos de mobilização.

BOBBIO: Quanto a mim, gostaria que ficasse bem claro entre nós o significado

dado à palavra “mobilização”. A característica da esquerda, sobretudo do Partido Comunista na Itália, sempre foi a de conseguir mobilizar as massas, coisa que a Democracia Cristã, por exemplo, foi muito menos capaz. Bastava que existisse apenas um remoto perigo de limitação do direito de greve, e eis que a esquerda era capaz de lotar as praças de gente. Sem dúvida, uma manifestação com *slogan* e cartazes é algo diferente da simples participação eleitoral, que se faz de modo muito tranqüilo dirigindo-se às Seções Eleitorais. Mas agora, trata-se de ver, mais que os métodos, com quais temas a esquerda, que foi capaz de fazê-lo muito mais e melhor que a direita, ainda pode continuar a mobilizar multidões. Nas últimas semanas, a esquerda empenhou-se numa mobilização durante o aniversário da Libertação. Perguntei-me, naquela circunstância, se este seria ou não um tema importante. A mobilização pode até mesmo ter envolvido milhões de pessoas, mas politicamente, na minha opinião, teve pouca relevância. Enquanto tal, a mobilização não é importante, mas sim o tema em torno do qual se consegue reunir a participação das pessoas.

VATTIMO: Porém, é verdade que, numa situação como a italiana, para reconstruir a esquerda é preciso instituir também redes de comunicação com o eleitorado, que não sejam dependentes exclusivamente da televisão. Nos últimos anos, todos deram como mortos os comícios, ou então, a reunião numa sede de partido. Não acredito que possam ser restabelecidos, mas começo a perguntar-me se estas formas de comunicação política, consideradas desgastadas, não foram sendo abandonadas muito rapidamente. Antes nos acomodávamos com a idéia de um PCI como partido de aparato, mas depois, quando o velho PCI transformou-se e PDS, menos atenção foi direcionada às questões organizativas. Agora, se toda a rede de comunicação política passa pelos *mass media*, pelas mãos de quem sabemos, pode-se prever com certeza que não existem muitas possibilidades para a esquerda. Reconstruir a esquerda quer dizer também criar estruturas organizativas capazes de mobilizar. Independentemente dos conteúdos. Estas estruturas não existem atualmente. Talvez a vitória da direita venha a reativar em nós esta capacidade. Existe uma grande quantidade de pessoas que nunca havia ido a uma manifestação do 25 de abril.

BOSETTI: Muitos recursos que eram capazes de mobilizar não existem mais, desapareceram motivações que a esquerda dispunha e que estavam ligadas à ideologia, ao socialismo e aos mitos. Contemporaneamente, enfraqueceu-se a

união social e cultural do bloco dos trabalhadores. Desapareceram os elementos ideais e materiais que davam força à esquerda. O problema, mais uma vez, ainda é esse: o que substitui esses recursos, qual tipo de combustível?

VATTIMO: Eu não estou tão convencido de que o antifascismo não mobilize mais. Mobiliza hoje numa situação nova. Os temas do passado tornam-se tanto mais significativos, do ponto de vista do empenho das pessoas, quanto são colocados em discussão. A verdade aparece no momento da ameaça (como diz Walter Benjamin). Verifiquei em várias pessoas que conheço muito mais disponibilidade hoje para manifestar-se contra o fascismo do que nos anos anteriores. Ir decididamente para a oposição é útil para quem, na oposição, sempre desenvolveu uma iniciativa social. Isto vale também para os temas institucionais: a Constituição torna-se um valor a ser definido quando é ameaçada: quando todos falam dela respeitosamente, quando há a tendência em transformá-la num monumento, esta exigência de mobilização não é, de fato, sentida. Hoje, até a unidade nacional, na qual acreditamos somente quando assistimos a uma partida de futebol, torna-se um valor. Há mecanismos que não são fáceis de descrever, mas que influem muitíssimo. Os sindicatos, por exemplo, perderam crédito quando a televisão começou a anunciar com grande oficialidade, quase de modo solene, os horários das greves. Esta, que podia parecer uma simples comunicação, transformava, na verdade, as greves numa cerimônia pública. Além disso, a situação atual abre diversas possibilidades também na vertente político-social. Uma intensa política de direita em prejuízo do estado social favorece, acredito, a recuperação de uma presença política, agiliza uma mobilização diferente.

BOSETTI: Estamos nos aproximando do tema que está no centro da reflexão realizada por Bobbio em *Destra e Sinistra*. Mas antes gostaria de esclarecer melhor a postura que vocês sugerem ter em relação à virada política italiana. Na discussão que se seguiu às eleições, surgiram duas posições dentro da esquerda. Há quem considera praticamente inevitável o resultado obtido e que, portanto, para a esquerda, feita a sua parte, agora só lhe resta comandar a oposição preparando-se para a desforra. E há, ao contrário, uma posição que para mim parece mais convincente: não é, de fato, verdade que a derrota era inevitável. Se a esquerda tivesse jogado as cartas certas poderia ter vencido, como acontecera na eleição para prefeitos alguns meses atrás.

BOBBIO: Tudo o que aconteceu durante as eleições para prefeitos pode ser explicado pela ausência de um sujeito como Berlusconi em cena. O seu ingresso na política não havia sido previsto. Não só. Era a tal ponto imprevisível que na conversa entre Vittorio Foa e seus amigos, na época do Natal⁹, não há uma só palavra sobre Berlusconi. Imaginem, numa discussão entre pessoas de esquerda que falam do futuro do país, o nome do ex-presidente da Fininvest nem é pronunciado. Portanto, antes de nos perguntarmos se a esquerda errou e onde, devemos refletir sobre este fenômeno absolutamente sem precedentes. Berlusconi, desfrutando a ramificação do seu poder econômico em toda a Itália, conseguiu, em três meses, transformar-se no protagonista das eleições e vencer estrondosamente. Se hoje existe um governo de direita é porque Berlusconi conseguiu reunir dois troncos que podiam parecer absolutamente incompatíveis: a Liga, que quer a divisão da Itália, e os fascistas que são ultra-nacionalistas. Por que aconteceu tudo isso? Eu acredito que a televisão tenha sido determinante, mas não porque Berlusconi tenha aparecido no vídeo muito mais que os outros, mas porque a sociedade criada pela televisão é uma sociedade *naturaliter* de direita. É a sociedade do Festival di San Remo, dos esportes, de Pippo Baudo, Mike Bongiorno, *Beautiful* e similares. Digo que é uma sociedade *naturaliter* de direita porque há alguns interesses que não são os da esquerda; a esquerda vive, já disse outras vezes, de grandes princípios, identifica-se no sofrimento humano. Não foi Berlusconi que venceu enquanto tal, mas sim a sociedade criada pelos seus *mass media* e suas publicidades. A sociedade que se deleita ao ver insossas *familiazinhas*, reunidas em volta de uma mesa glorificando este ou aquele produto. E é por isso que alimento muito pessimismo: numa sociedade assim, com seus valores tradicionais, a esquerda não tem nenhuma chance.

BOSETTI: Seria interessante ouvir o que Vattimo pensa sobre a tv e sobre quanto ela condiciona uma comunidade. Há alguns anos, no volume *La società trasparente*, você assumiu uma posição liberal. Você não teria, em outros termos, subscrito a idéia de Bobbio de que uma sociedade modelada pela televisão seja *naturaliter* de direita?

VATTIMO: Eu acreditava que o surgimento de vários *media*, sua multiplicação, pudesse criar redes de comunicação num duplo sentido, isto é, pudesse evitar o

⁹ *Le verità della Repubblica*, Org. V. Foa e P. Ginsborg. Il Saggiatore, Milano, 1994.

risco de uma centralização. A constituição de vários *media*, cada um antagonista do outro, teria conseguido exorcizar o perigo do controle por parte de uma central única. Na verdade, a crítica lançada pela Escola de Frankfurt em relação à sociedade midiática nascia, justamente, do temor que, no campo da comunicação, existisse um motor central, capaz, graças à tecnologia, de alimentar os motores periféricos, dominando-os e submetendo-os a um rígido controle. A proliferação dos *media* tentaria trilhar outros caminhos que provocariam, na minha opinião, um efeito indiscutivelmente antitotalitário. Mas o problema é que se uma rádio privada pode se equipar com pouco dinheiro, para a televisão o discurso é diferente. Certamente, o dia que tivermos um satélite capaz de conter 160 canais, uma posição de domínio como a de Berlusconi será bem redimensionada. A longo prazo, portanto, diversos *media* seriam o melhor antídoto contra monopólios. A curto prazo, porém, as coisas são diferentes e devo admitir que a minha posição, a de um intelectual que trabalha muito nos *media* (escrevendo nos jornais, mais que falando na televisão), modificou. Escrevi recentemente, primeiro na *Tuttolibri*, o suplemento de *La Stampa*, e depois na revista da Laterza, *Asterischi*, que os intelectuais não têm mais a mesma fé na possibilidade de comunicar-se com todos, seguindo o princípio de que quanto mais se comunica melhor é. A relação com o elemento tv mudou. Quero dizer, para ser claro, que onde não existe palavra escrita parece que não existe comunicação democrática, mas somente, como dizer? uma confusão geral. Isto também depende do fato da televisão estar mais condicionada pela publicidade, enquanto nos jornais o vínculo é menor. Num primeiro momento, a polêmica dos diretores contra as interrupções publicitárias parecia-me um pouco hipócrita, porque não se considerava que para fazer um filme eram necessários grandes fundos e que a publicidade era um dos canais para obtê-los. Agora, porém, considero o protesto sensato, considero-o sintoma psicológico de um temor mais geral e mais profundo. Vários diretores de cinema foram os primeiros a alertar sobre esse perigo só agora sentido por nós: que não são todos os *media* que transmitem cultura e que, ou melhor, alguns deles são estruturalmente inadequados à cultura. Eu faço votos que esta incapacidade seja somente provisória e determinada pelo regime de oligopólio em que a televisão vive. Em suma, a idéia de um satélite que nos permita ver 160 canais parece-me de acordo com a utopia de uma sociedade transparente. Mas, hoje devo admitir que tudo isso seria impossível. A propósito, quando eu fazia conferências sobre tais temas na América, muitas pessoas me chamavam de louco sustentando que os prejuízos de uma televisão comercial no país deles já eram muito evidentes e que a Itália poderia,

em breve, enveredar pelo mesmo caminho. Para concluir, devo dizer que a realidade das televisões, assim como também está se configurando na Itália, me induziu a mudar, em parte, de opinião. Em suma, agora sou mais pessimista.

BOBBIO: Pergunto-me até se uma das razões pelas quais nos Estados Unidos nunca se tenha formado um movimento de esquerda, como nós o entendemos, seja porque eles formem uma sociedade influenciada pela tv. É inegável, pois, se existe uma esquerda nos Estados Unidos, é uma esquerda de elite. Aqueles que nós chamamos *Liberals* são os expoentes de uma esquerda intelectual que politicamente é pouco influente.

BOSETTI: Para resumir, é lícito dizer que diante do problema da televisão, daquela que é chamada a videocracia, ou da degeneração comunicativa (para usar uma terminologia frankfurtiana) provocada pela televisão, podemos escolher duas estradas. Uma defende a necessidade de aprender a jogar dentro deste sistema; a outra, ao contrário, considera que seja indispensável conter, regulamentar, impor alguns limites. Essa mesma opinião, por exemplo, é compartilhada pelo filósofo Karl Popper que cita Emmanuel Kant ao comentar a excessiva invasão da tv: a nossa liberdade tem como limite a liberdade dos outros. Mas não existe só Popper. Na Alemanha começa-se a aprovar algumas leis que colocam alguns vínculos e não tanto para evitar excessivas concentrações de propriedade, mas também sobre conteúdos. Qual dessas duas vias lhes parece a mais eficaz?

BOBBIO: Eu também estou convencido de que a liberdade está condicionada à liberdade dos outros. A liberdade de imprensa, um dos fundamentais direitos individuais, é limitada pela proibição de injuriar alguém, de instigar a cometer um crime. Esses são limites óbvios. Agora, trata-se de saber como definir alguns limites, diante de um meio de comunicação relativamente novo e que nos últimos tempos assumiu dimensões que eram impensáveis. É um terreno muito espinhoso para a esquerda, porque a tendência a regulamentar a tv também nos conteúdos pode trazer consensos à formação que se definiu Pólo da liberdade. Não quero dizer que um esforço do gênero não deva ser realizado, quero somente destacar o quanto é difícil para a esquerda mover-se neste terreno.

VATTIMO: Na minha opinião, uma política em relação à tv deve seguir uma impostação ecológica comportando-se em relação a ela como se comporta em

relação à poluição atmosférica. A tv é um meio muito mais invasor do que possa ser a imprensa escrita. Se alguém quer comprar uma revista pornográfica deve dirigir-se a uma banca ou a uma revendedora especializada. Para a televisão, ao contrário, basta apertar um botão na própria casa. Em suma, a tv é um serviço público e é necessário que possua um regime diferente. Há algum tempo, (um pouco paradoxalmente, mas já não creio tanto) propus limitar por lei os horários de transmissão das televisões, porque é preciso garantir um nível de qualidade e não somente limitar-lhes a influência política. Por que financiar o teatro lírico que não consegue financiar-se sozinho? Porque existe uma tradição cultural que a comunidade e o Parlamento decidem tutelar. É mais ou menos como defender a capacidade de pensar. Gostaria que existisse um regulamento para tudo aquilo que vai ao ar, exatamente como são submetidas a limites as emissões de substâncias na atmosfera: eis porque falo de ecologia da tv. Nesse caso não existe uma própria liberdade de não ser agredido por via aérea.

BOSETTI: Mas tuas idéias não direcionam, de novo, a esquerda para uma iniciativa política que privilegia as regras, enquanto a direita se orienta em direção à liberdade?

VATTIMO: Essa é uma questão central. Se a esquerda é como é, enquanto assume o igualitarismo como seu princípio inspirador (e sobre isso estou de acordo com o que sustenta Bobbio no seu livro), ela não pode limitar-se somente à defesa de um direito presente *in natura*. Antes, deve criar suas próprias iniciativas pela participação, pela ação que tende a modificar um dado natural. A igualdade não existe *in natura*. Talvez se falarmos de essências naturais podemos dizer que os homens são iguais. Mas na realidade o forte come o fraco e, portanto, uma política de esquerda é sempre uma política de participação ativa, de correção. Nunca uma política de libertação de laços e lacinhos. Certamente, possuiria muito mais força um *slogan* que dissesse: libertemo-nos de todas as regras que reprimem a ação humana através de limites. Mas, substancialmente, a liberdade pode ser definida como a produção ativa de instituições, e não mais como a destruição de qualquer limite.

BOBBIO: Concordo com você. E, de fato, a polêmica sobre a esquerda não está concentrada tanto no binômio igualdade/desigualdade, quanto no binômio *liberismo/statalismo*. Sustenta-se que a esquerda esteja empenhada em favorecer

a participação do Estado e que, ao contrário, a direita sustente as razões da liberdade. Diante deste esquema de pensamento devo confessar o meu pessimismo acerca das possibilidades de recuperação da esquerda, uma esquerda que, repito, se vê atuando numa sociedade fortemente condicionada pela televisão e pelas suas mensagens e que invoca a defesa da Constituição ou a imposição de regras para a comunicação via aérea. Trata-se não só de argumentos pouco ou nada populares, mas são fortíssimos argumentos para os adversários.

VATTIMO: Tenho algo a dizer sobre isto. Penso que um argumento tipicamente de esquerda e contemporaneamente muito popular é o de conjugar o tema da igualdade com o da violência. Explico-me. Se examinarmos com atenção as políticas da direita, notaremos que todas contêm um destaque forte da utilidade da concorrência. Parece-me que tal insistência exalta a violência natural transformada em instituição, que ela traduza-se em uma reposição da antiga lei do mais forte. Basta pensar na política sanitária, na assistência pública, na previdência. Sobre este ponto me pergunto: uma vez que a maioria do governo formalizará com atos concretos tudo o que andou dizendo na campanha eleitoral, qual reação suscitará entre as pessoas? Berlusconi terá vontade de desafiar a tal ponto setores tão consistentes do eleitorado popular que o apoiou? Eu tenho a impressão de que para manter por muito tempo um consenso tão amplo e proveniente de setores sociais tão diferentes o governo deve realizar uma política, perdão pelo termo, de semi-estatalismo, deve fornecer e não só estimular. Porque, falemos francamente, quantos têm, realmente, vontade de concorrer, de competir? Quantos se sentem suficientemente fortes para vencer numa sociedade darwiniana? É nessa questão que a esquerda deve fazer ouvir a própria voz, acentuando a oposição entre violência e não violência.

BOBBIO: Acredito que a saúde seja, justamente, o setor típico no qual se pode ver aplicado o princípio da sociedade dos dois terços. E me refiro em particular a uma saúde, se por acaso os projetos da direita fossem colocados em prática, fundada nos planos de saúde particulares. Os dois terços chegam a aderir, o terço restante fica excluído. Eu não posso esquecer que nos hospitais dos Estados Unidos, onde os seguros estão na base do sistema sanitário, classifica-se os pacientes que chegam adotando como critério as suas apólices. Essa estrutura é ótima nas sociedades dos dois terços, porque os sem teto, os mendigos e tantos outros desesperados podem ser abandonados tranqüilamente pelas ruas. Garantir os

tratamentos sanitários para todos numa sociedade em que os dois terços estão satisfeitos é um princípio que não interessa mais e que não consegue mais obter o consenso da maioria. A grande inovação dos trabalhistas, que em 1945 realizaram a proeza de assegurar a todos, indistintamente, o direito à saúde, explica-se a partir da situação social da Inglaterra naquele período. Era uma sociedade muito diferente desta em que nos encontramos agora.

III - IGUALDADE OU NÃO VIOLÊNCIA

BOSETTI: De um lado a tv, do outro os dois terços. As duas questões podem ser interpretadas em termos de igualdade. É essa a “estrela polar” que está diante da esquerda, segundo o que Bobbio diz no seu livro. Agora, eu gostaria que o nosso discurso se concentrasse sobre a situação italiana partindo deste ponto de vista. O fato da direita ter vencido e a esquerda perdido, também pode ser explicado por esta perspectiva? Pode-se dizer que a esquerda também perdeu enquanto inspirada pelo ideal da igualdade, pelo objetivo de reduzir as desigualdades que a direita considera, ao contrário, inevitáveis e úteis? Na opinião de vocês isso significa que na Itália havia necessidade, como dizer, de menos igualdade? Também significa que a esquerda, embora tendo estado na oposição, realizou bem a sua parte, que de alguma maneira, enfim, influenciou a sociedade?

VATTIMO: Na minha opinião, os eleitores premiaram a direita enquanto portadora de valores de eficiência. Mas, a esquerda também se preocupou bastante em caracterizar a própria iniciativa nessa direção, e, sempre considerando que a maioria numérica não está sempre com a direita, eu acredito que a eficiência tenha sido preferida à igualdade. A eficiência foi admitida como condição de base para produzir mais bens para distribuir. Pensou-se mais em criar uma máquina produtiva e menos nos modos de distribuição. Se a eficiência é isso, é preciso admitir que a temática da igualdade é, em relação a ela, mais fraca. Acredito que a saída esteja, como dizia antes, em associar à temática da igualdade a redução da violência. Dessa maneira, acredito num cruzamento de sensibilidades bem maior que os ocorridos até então. Procurarei explicar-me recorrendo a argumentações filosóficas que, provavelmente, Bobbio não compartilhará. Falando da desigualdade, eu colocaria em maior evidência o elemento da não violência.

BOSETTI: Aprofundemos esse ponto, porque me parece que as perspectivas

filosóficas de vocês, ao contrário das políticas, se afastam nitidamente uma da outra. E aqui estamos chegando à questão central do livro de Bobbio, a desigualdade como principal critério de distinção entre direita e esquerda.

VATTIMO: Por que prefiro falar de não violência mais que de igualdade? Entendam, eu não considero, como Aristóteles, que a violência seja uma injustiça natural, ou, em outras palavras, que ela seja o que impede o alcance de objetivos naturais ou como o que se opõe a direitos inerentes à natureza de um ser. Eu penso, com Nietzsche e com Heidegger, que não existe muito sentido referir-se a constituições naturais para reivindicar direitos. Não compartilho, em suma, a estrada percorrida tradicionalmente pela crítica da ideologia, de Marx a Freud. Definiria, ao contrário, a violência somente em termos de peremptoriedade, de silêncio, de autoritarismo. Mas não quero estender-me em problemas teóricos e, voltando à política, digo que se a esquerda fosse qualificada, sobretudo, com um programa de redução da violência que está contida na intensa competitividade dos programas liberais, talvez ela fosse mais compreendida. O que sustento é somente outro modo de falar da igualdade, um modo menos duro, mais fácil. Talvez assim a esquerda tivesse tido mais possibilidades de estar à frente da direita sobre a questão da eficiência, que no último turno eleitoral a colocou em crise mais que qualquer outra coisa.

BOBBIO: A redução da violência é, na minha opinião, uma característica da democracia, mais que da esquerda. A democracia é a redução da violência porque permite, através de regras estabelecidas, resolver os conflitos sem a sua utilização, isto é, através da discussão e do voto.

VATTIMO: A democracia pensada assim pressupõe o reconhecimento da igualdade entre os interlocutores. Portanto, acredito que não existam democracias não igualitárias.

BOBBIO: A democracia ocidental funda-se sobre um princípio igualitário sintetizado na expressão “um homem, um voto” e nisso se contrapõe à pura representação de interesses. Existem alguns grupos de interesses que não são e não podem ser considerados idênticos aos outros. Porém, baseando-se nesse pressuposto, em democracia os homens são todos iguais. Todos têm os mesmos direitos. Além disso, a democracia é o único regime que permite, dentro de certos

limites, resolver os conflitos sociais sem recorrer ao uso da força recíproca. Existe somente a força do Estado, da qual ele tem o monopólio e com a qual intervém quando o compromisso não é mais possível. Falemos mais precisamente: as regras fundamentais da democracia são duas: o contrato, ou seja, a decisão entre duas partes que decidem com unanimidade, estando ambos de acordo; e o princípio da maioria. É graças a essas regras que a democracia é o regime que permite o menor recurso à violência. Portanto, eu considero a não violência mais uma característica da democracia que um critério de distinção entre a esquerda e a direita. Uma direita democrática é uma direita que não recorre à violência. Se, em relação à violência, a contraposição é entre democracia e ditadura. A violência identifica-se com a ditadura, que com ela governa e impõe as suas soluções não tolerando a mínima oposição. Mas para voltar ao tema da igualdade lembro-me de um exemplo muito oportuno e de grande atualidade para compreender como a concepção que se tem dela seja discriminante entre direita e esquerda e como o universo político seja nitidamente dividido nesse ponto: de um lado a direita, do outro a esquerda. Todos sabem que as pessoas são iguais ou diferentes dependendo do aspecto que se examina, mas a esquerda considera mais a igualdade que a diversidade; a direita, ao contrário, valoriza mais a diversidade que a igualdade. Por trás da proposta, não se sabe quanto realizável, de uma União italiana defendida pela Liga encontramos uma imitação análoga: Bossi valoriza, Bossi destaca, sobretudo, o que os italianos têm de diferente entre eles, enquanto quem se opõe, defendendo a ordem unitária do país, coloca em evidência o que os italianos têm em comum. Em outros termos, os unitários consideram que entre habitantes da península existem elementos característicos locais, mas que esses não são relevantes a ponto de dividir a Itália em duas ou em três. O fato de Giovanni Verga ser siciliano e Alessandro Manzoni lombardo não suscita neles nenhum complexo de diferenciação entre norte e sul. O fato de Gaetano Donizetti ser de Bérgamo e Vincenzo Bellini de Catânia pode valer somente para efeitos de uma análise histórica das suas biografias, mas não incide sobre o fato de todos os considerarem como italianos. Essa distinção entre quem privilegia a igualdade e quem, ao contrário, privilegia as diferenças é fundamental e a encontramos sempre. E fico tentado a dizer que a diferença vai além das simples idéias políticas, é um elemento quase antropológico.

VATTIMO: Concordo com você. Porém, se, definitivamente, tivesse que me perguntar por que devo preferir uma visão igualitária, isto é, uma visão que acentua

a igualdade em relação à diversidade, diria que a motivação de fundo é que exaltando as diferenças exalta-se a concorrência, a competição. A proposta de uma República Federal na Itália não nasce da idéia que prega a permanência dos sicilianos entre os sicilianos, mas da convicção da necessidade de estimular os elementos de desequilíbrio e de concorrência em vez de mitigá-los. Assim, igualdade e não violência caminham lado a lado. Do mesmo modo, o elemento central de deprecação do fascismo é o regime fundado sobre o uso da violência para reprimir qualquer forma de oposição. Além disso, o discurso sobre a igualdade sempre precisou ser circunstanciado. De fato, dissemos, e estamos de acordo, que não se trata de preferir a igualdade em absoluto, mas a igualdade segundo um critério: diante da lei, para o direito de voto, o direito à saúde e tudo mais. Ao contrário, o tema da violência é mais imediato e direto. Pode ser uma observação retórica, mas não desprezível. Acredito que seja mais fácil tratar o tema dos animais, aos quais Bobbio dedica algumas considerações na última página do livro, do ponto de vista do princípio da não violência que do da desigualdade. Não posso pregar a proibição da vivissecção em nome da igualdade estendida aos animais. Muito mais eficaz é, ao contrário, argumentar esta imposição com o princípio da não violência. Além disso, posso acrescentar que se a violência contra os animais era própria da antiguidade, quando animais ferozes rugiam na porta de casa, na sociedade de hoje ela não é mais necessária: é também um modo diferente de considerar a história das sociedades, de aceitar uma avaliação otimista permitida pelo fato da tecnologia disponibilizar meios para reduzir a violência. Pode-se recorrer às vitaminas, sem necessidade de matar um coelho.

BOBBIO: Porém, pode-se dizer também que você não mata um coelho porque, embora sendo diferente, você o vê igual enquanto ser que vive. E ademais, gostaria que se tivesse presente que a oposição ao fascismo não era somente em relação a um regime violento, mas também a um regime fundado sobre valores hierárquicos. Existem, portanto, os dois aspectos, a violência e a desigualdade.

VATTIMO: Mas quando eu falo de violência não me refiro só ao uso dos meios coercitivos e policiais, como os que foram típicos do fascismo. Penso numa violência mais geral, que pode praticar uma democracia inspirada em valores de direita e que exalta a competição. A hierarquia é uma organização social marcada pela competição.

BOSETTI: Seja no livro de Bobbio ou nesta discussão sobre a distinção entre direita e esquerda existe uma troca de papéis, uma incerta atribuição de papéis, entre a esquerda e a democracia, como se esquerda e democracia fossem duas entidades que de vez em quando se sobrepõem. Giovanni Sartori sustenta, ao contrário de Bobbio, que a idéia da igualdade não é o critério que define a esquerda porque é um critério que a partir dos gregos caracteriza a democracia. Bobbio, respondendo a Vattimo, diz que a redução da violência não é prerrogativa da esquerda, mas uma característica específica da democracia. Essas trocas entre esquerda e democracia não fazem pensar numa certa arrogância da esquerda, que parece quase considerar a democracia como uma parte de si mesma?

VATTIMO: Recentemente, Franco De Benedetti e eu discutimos algumas idéias sobre isso. Ele sustentava, quando ainda não se estava no auge da campanha eleitoral, que no fundo direita e esquerda eram duas posições políticas aceitáveis, e que a preferência por uma ou outra parte demonstrada pelos cidadãos não suscita diferenças tão radicais. Não acredito nesta equiparação. Vejo um excesso moral mais intenso no que motiva a política da esquerda. O que existe no fundo da política desta direita? O antiestatalismo, por exemplo, é justificado não em nome do fato dos homens não serem iguais, mas porque funciona melhor, permite produzir mais, ter mais bens. A esquerda, quando também não é motivada por uma forte carga de ideologia, tem uma política alimentada pela teoria. A menos que não se apresente com a face cruel do racismo, a direita propõe-se como partido da eficiência. No fundo, o pragmatismo craxiano também era isto. Agora, a vitória da direita não se justifica senão como uma queda de tensão cultural das massas. Eu não consigo vê-la diferentemente. Apesar de reconhecer que tudo isto pode depender de uma visão intelectual, não vejo outras explicações e, além disso, as que a direita exhibe não são melhores que estas: ou são a cultura dos Antonio Martino ou dos Giuliano Urbani, isto é, o pragmatismo em estado puro, ou então, são as loucuras da direita comunitarista ou étnica.

BOBBIO: Eu não acredito que a direita tenha vencido tanto em nome da eficiência, quanto da liberdade contra as regras, contra o stalinismo. Eles sustentaram, contra a idéia de alcançar a meta da igualdade através de intensas intervenções do Estado, uma linha política inspirada em princípios liberais. Mas, e isso eu escrevi também em *Destra e Sinistra*, eu contraponho à igualdade não a liberdade, mas a desigualdade. De fato, a ligação com a liberdade não distingue a

direita da esquerda, mas os moderados dos extremistas no âmbito de um sistema democrático. Eu não tenho nada contra aqueles que defendem a liberdade. O contrário da igualdade não é, portanto, a liberdade, mas a desigualdade. A direita é um conjunto de opiniões, de estados de espírito para os quais a desigualdade não é um mal. Isto me parece um ponto fundamental. No livro-entrevista de Giuseppe Prezzolini sobre a direita lêem-se estas palavras de Alain De Benoist, o maior teórico francês da Nova direita: “Chamo de direita, por pura convenção, a conduta que consiste em considerar a diversidade do mundo, e como consequência as desigualdades relativas que são o produto necessário, como um bem e a homogeneização progressiva do mundo, pregada e realizada através do discurso milenar da ideologia igualitária, como um mal.”¹⁰ Esta me parece ser a característica da direita: isto é, não a pura aceitação passiva da desigualdade como um mal, mas aceitá-la porque, no fundo, não é um mal, antes, ajuda no desenvolvimento da sociedade. Quem diz isso é um extremista de direita como De Benoist, mas também um liberal como Stephen Holmes, que num interessante artigo considera que os que estão à direita “nunca consideraram a desigualdade de riqueza como um mal social inaceitável”. “Afirma-se, especialmente os críticos”, prossegue Holmes, “que a aquiescência liberal às desigualdades econômicas deriva da profunda convicção de que talentos superiores mereçam remunerações superiores”. “Os liberais, na verdade, aceitavam as igualdades de recursos porque as viam como um aspecto inevitável, colateral de uma economia progressiva.”¹¹ O sentido profundo da igualdade como direção geral da história e, ao contrário, o estado de ânimo segundo o qual a desigualdade existe, e não só existe, mas se não existisse seria necessário recriá-la (este é, caro Vattimo, o pensamento de Nietzsche que combate a moral do rebanho, a moral da igualdade), parece-me configurar uma distinção profunda, que pode servir quando se quer encontrar critérios para explicar a contínua contraposição entre duas esferas do universo político. Repito: a diferença está entre quem experimenta um sentimento de sofrimento diante das desigualdades e quem, ao contrário, não o experimenta e considera, em resumo, que elas produzam bem estar e, portanto, devam ser defendidas. Nesta contraposição, vejo o núcleo fundamental do que é esquerda e do que é direita.

VATTIMO: Eu tenho medo que, sobretudo, nesta tua última formulação existam

¹⁰ G. Prezzolini, *Intervista sulla destra*, Org. C. Quarantotto, Mondadori, Milano, 1994.

¹¹ Stephen Holmes, *Il liberalismo non è un utopismo*, in *MicroMega*, n. 1, 1994.

algumas explicações sobre a derrota da esquerda. Por exemplo, a idéia de que deva existir uma sociedade com desníveis de riqueza é dificilmente desenraizável. Enquanto os desequilíbrios não chegam ao extremo da pobreza, enquanto, portanto, não existe um ato de violência, é difícil demonstrar que as disparidades de riqueza sejam inaceitáveis. Falando-se nestes termos é fácil que as pessoas evoquem a imagem de Cuba, onde todos são iguais, mas ninguém tem nada, isto é, uma sociedade onde não há criatividade. Naturalmente, De Benoist, no trecho citado, aposta muito na confusão entre desigualdade e diferença, entendida num sentido oposto à homologação e que, justamente, horroriza. Colocada nos termos corretos, também do ponto de vista da sobrevivência da espécie, a diferença é um valor positivo. É preciso, por exemplo, preservar a diversidade das culturas, que é sinônimo de riqueza. Em situações extremas, nas quais, por assim dizer, poderia estar em jogo a própria sobrevivência, não sabemos quais culturas possam ser mais úteis. É importante também, para dar exemplo, sermos capazes de fazer contas de cabeça na época dos computadores: se, de fato, todo o sistema informático quebrar vencerá quem ainda souber fazer as contas com o ábaco. Por outro lado, a idéia da desigualdade dentro de certos limites, que você aceita quando fala de igualdade não em absoluto, mas apoiando-a num critério, parece uma alternativa vencedora em relação à idéia da igualdade em absoluto e de uma história que caminhe na sua direção. Na verdade, o que importa é que um homem não seja impedido de manifestar sua própria opinião por causa da sua condição econômica, não seja obrigado a inibir-se diante dos outros. Em suma, não acredito que iremos muito longe se concordarmos com quem defende que a vida é bela porque é variada. É por isto que continuo a pensar que colocar em evidência a questão da violência, mais que a da igualdade, permitiria contrastar, se quisermos apenas em nível de retórica política, esta intolerância em relação a um ideal sombrio que poderia parecer o igualitarismo.

BOBBIO: Eu sei, este perigo certamente existe. Mas você tem coragem de atribuir uma inspiração violenta também para a direita moderada, a liberal, que aceita as regras da democracia?

VATTIMO: Não, eu julgo violenta uma visão da sociedade que exalta a idéia da concorrência e da competição; só a que chamo violência, a que me obriga a... Mas, francamente, devo dizer que tenho dúvidas de que na direita que está a governar a Itália, a do Polo da liberdade, prevaleçam os moderados.

BOSETTI: Parece-me que Vattimo cristaliza aqui como definitiva a sua visão da esquerda, como hipótese à qual se pode tentar reduzir as outras, como mais compreensiva.

VATTIMO: Há um problema de retórica que não podemos subestimar, e não somente de âmago teórico.

BOSETTI: Isto me faz lembrar outras tentativas de identificar o princípio distintivo da esquerda. De resto, no seu livro Bobbio examina muitos outros antes de desembarcar na “estrela polar” da igualdade. Falou-se muitas vezes, referindo-se a um conceito que, historicamente, teve muitas versões, que o papel da esquerda é o de reduzir o peso das hierarquias na vida dos homens, de fluidificá-los, aliviá-los ou eliminá-los.

VATTIMO: Marcuse também sustenta que a igualdade passa pela idéia da história comprometida com a redução da repressão. Portanto, Marcuse resgata a tecnologia, a modernização, a secularização como um conjunto de elementos que seguem no sentido da eliminação da violência. Trata-se de um processo que acontece assintomaticamente, porque nas relações interpessoais os elementos peremptórios permanecem. Mas uma coisa é ir à caça, outra é comer vacas abatidas nos matadouros com todo o respeito devido. Existe aqui uma possibilidade de interpretação da história como redução da violência. O que vale também para a democracia, enquanto o discurso da igualdade me parece que implique algumas conseqüências por vezes difíceis de compreender.

BOBBIO: Porém, permita-me opor ao seu raciocínio que definir a concorrência como violenta pode ser excessivo. Poder-se-ia objetar que a concorrência num sistema liberal é importante, é um elemento produtivo e fecundo. Sendo como você diz, o argumento contrário à igualdade pode ser, efetivamente, o do nivelamento, mas à tese da violência contraponho que a concorrência não é só violência e pode ser também uma razão de tensão na vida da sociedade.

VATTIMO: Porém, gostaria de acrescentar que, embora o Polo da liberdade tenha esse nome, todos que apresentaram o seu programa aludiram ao liberalismo econômico. Tanto é verdade que a acusação movida aos adversários não era a de serem opressivos ou de não permitirem a liberdade de opinião. Era de não serem liberais. Sobre tudo isto a direita alimentou um equívoco.

BOBBIO: Estou convencido de que você tem razão. Eu também disse que a direita reduziu a liberdade à liberdade econômica. Considerava e considero que à liberdade são colocados alguns limites e, entretanto, a política deve prevalecer sobre a economia.

BOSETTI: Além da objeção de Vattimo sobre igualdade e violência, há que se considerar também a objeção que Lucio Colletti defendeu em relação a *Destra e Sinistra*. Colletti sustenta que Bobbio, quando repropõe o princípio da igualdade, mostra que não leva em conta a lição histórica do fim do comunismo e da crise que o seguiu¹².

BOBBIO: Não me parece uma objeção sensata, porque não considera o que escrevi outras vezes, em particular no livro que publicamos no ano passado, *Sinistra punto zero*¹³.

BOSETTI: Objeção Colletti rechaça.

VATTIMO: Rechaça. Mas eu interpretaria a lição histórica do século não no sentido do fim do comunismo da esquerda no poder em geral, como pensa talvez Colletti, porém mais positivamente. Para mim também pareceu que a crise da esquerda, do ponto de vista ideológico, pudesse consistir no fato dela - e o digo também para justificar as minhas aberrações nietzschianas - não ter incluído aquelas que chamo as razões da vanguarda burguesa. Vale dizer que, junto com os aparatos de domínio presentes na estrutura social e na propriedade, era preciso empenhar-se em romper também aqueles que se identificam na estrutura do argumento. Sobre este ponto, como se sabe, trabalharam pensadores como Nietzsche e como Heidegger. Defendo a legitimidade do uso de idéias que vêm daquela parte. A lição do nosso século poderia ser esta. O mesmo se pode dizer de sessenta e oito, que procurou desmantelar uma ortodoxia da esquerda, que se traduzia, por exemplo, na recusa por parte do PCI de só ouvir falar da psicanálise. Eu acredito que o discurso do igualitarismo não ignore este movimento, no sentido que procura a igualdade também nas raízes do argumento e não somente na estrutura

¹² L. Colletti, *Quale sinistra dopo il Muro? Il crollo dell'URSS ha travolto gli schieramenti tradizionali*, in *Corriere della Sera*, 20 de março de 1994.

¹³ *Sinistra punto zero*, org. G. Bosetti, Donzelli, Roma, 1993.

social. Porém, interpretaria a objeção de Colletti à esquerda, relativamente desastrosa, nestes termos: no sentido de não haver dado espaço a tais questões. Compreendo que a fonte de preocupações semelhantes, da minha parte, pode ser suspeita. Mas também ainda que existam algumas páginas de Nietzsche diante das quais eu me arrepio, quero continuar a utilizar algumas das coisas que ele escreve.

BOSETTI: Bobbio, ao contrário, nunca superou a fase dos arrepios em relação a Nietzsche.

BOBBIO: Devo confessar que nunca consegui superar a aversão contra Nietzsche. Não consigo esquecer o fato de que nele exista a idéia de que indivíduos “ruins” devam ser eliminados. Parece-me quase uma prefiguração dos campos de concentração. Em Nietzsche isto é evidente. O seu inigualitarismo levado às últimas conseqüências provoca em mim uma reação emotiva. Nietzsche condena o cristianismo porque procurou tornar mais iguais os homens chamando-os irmãos. Mas esta é uma discussão que não podemos concluir aqui.

VATTIMO: Concordo, podemos retomá-la em outra ocasião.

BOSETTI: O que vocês pensam das atenções especiais que a direita tem reservado aos intelectuais. Antes e depois das eleições, vimos que sempre são colocados no meio de difamações de vários tipos. Existe algo a mais além da normal polêmica política.

BOBBIO: Faço uma proposta sobre este argumento. Convido alguém a reunir intervenções que apareceram durante os últimos meses em jornais como *L'Indipendente* ou *Il Giornale*. Li um artigo de alguém que se denomina *Servo Sciocco*, e que alguém diz ser Giuliano Ferrara, que se dirige a muitos intelectuais, inclusive você, Vattimo, dizendo em tom ameaçador: “E agora questionem Berlusconi.” É um texto terrível. Isto, na minha opinião, faz pensar no fascismo mais autêntico e mais sinistro.

VATTIMO: Eu sustento que devemos acabar com a autoflagelação. Eles não têm razão. Não é possível que uma eleição que aconteceu como aconteceu desminta algumas posições teóricas. No máximo poderá desmentir a sua eficácia sobre o eleitorado. Mas eu não estou disposto a rever as minhas teorias só porque a

esquerda perdeu as eleições, antes, começo a suspeitar que tenho, justamente, porque esta direita venceu dispendo das redes Fininvest.

BOBBIO: Para mim devem explicar porque os intelectuais foram atraídos mais pela esquerda que pela direita. Por que? É cinismo, Estupidez? Jactância? Tenhamos consciência de que seja nos anos passados ou agora são mais raros os grandes intelectuais de direita. Não são intelectuais, mas técnicos, os homens que hoje estão próximos a Berlusconi; vale dizer, os Martino, Os Urbani, os Fisichella. Quando falamos de grandes intelectuais na Itália, que nomes nos vêm à mente? Citemos quatro: Calvino, Moravia, Pasolini e Sciascia. Não se pode aplicar uma distinção rígida entre direita e esquerda, mas alguém pode ligar nomes como estes à direita?

BOSETTI: Você citou quatro escritores muito amados pelos italianos. Mas nos últimos tempos, estão em evidência, mais freqüentemente, intelectuais que procuram defender a dimensão do “pensar geral”, do pensar a sociedade. Em outras palavras, a dimensão da filosofia. Queremos dedicar a esta um pensamento conclusivo?

VATTIMO: O fim da filosofia seria o fim da democracia. A filosofia é a instância do saber. Quando eliminamos a filosofia temos somente os peritos, como diz Bobbio. A direita não tem filósofos, teóricos, intelectuais; ela tem alguns peritos, alguns técnicos. Esta é a parábola da direita. Não compreendo por que alguém como Lucio Colletti possa olhar com uma certa simpatia o fim da filosofia. Se isso acontecesse restariam só algumas ciências, as dos técnicos, e a democracia significaria delegar aos físicos atômicos e somente a eles as questões da energia, aos médicos e somente a eles a questão da saúde e assim por diante. Eu acredito que a filosofia é um mundo onde as linguagens especiais complicam-se sempre mais e as escolhas técnicas são sempre mais complexas. Além de não perder autoridade a filosofia torna-se ainda mais atual e necessária. Certa vez Habermas definiu a filosofia como “a intérprete”. E esta missão não se perdeu, antes, é fundamental. O desprezo da direita pelos intelectuais de esquerda alude também a isto: à primazia que tem a filosofia sobre as ciências. Eles querem uma democracia dos peritos. Mas a democracia dos peritos não é democracia.

OUTROS

ECO SOBRE A HIPNOSE TV

A maior parte das pesquisas psicológicas sobre a audiência televisiva tendem, ao contrário, a defini-la como um tipo particular de recepção na intimidade que se diferencia da intimidade crítica do leitor para assumir o aspecto de uma rendição passiva, de uma forma de hipnose.

Assim, a televisão pode se tornar o instrumento eficaz para uma ação de pacificação e de controle, a garantia de conservação da ordem, estabelecida através da proposta contínua daquelas opiniões e dos gostos médios que a classe dominante julga mais adaptados para manter o *status quo*.

Atrás de toda organização da linguagem por imagens sempre existiu uma elite de estrategistas da cultura educados sob o símbolo escrito e sob a noção abstrata. Uma civilização democrática somente se salvará quando fizer da linguagem da imagem uma provocação à reflexão crítica e não um convite à hipnose.

Em outras palavras, o risco maior diante destas observações é o de uma recusa indiscriminada dos novos meios de comunicação, recusa que dividiria fatalmente a sociedade (como acontece em grande parte dos Estados Unidos) num restrito grupo de intelectuais que desdenham os novos canais de comunicação, e um vasto grupo de *consumidores* que permanecem naturalmente nas mãos de uma tecnocracia dos *mass media*, desprovida de escrúpulos morais e culturais, ocupada unicamente em organizar espetáculos capazes de seduzir as multidões.

Se as conclusões, às quais nos parece termos chegado, são, substancialmente, cada vez mais otimistas, não devem ser, aliás, interpretadas como abandono de uma mística do *laissez faire*. Mesmo quando for conveniente que neste terrível e potente meio de massa acrescentem-se as várias possibilidades de difusão cultural para o futuro próximo, não é preciso que se esqueça a natureza emocional, intuitiva, irreflexiva de uma comunicação através da imagem.

(ECO, Umberto. *Apocalittici e integrati*. 9. ed. Milano: Bompiani, 1990. p. 334-56)

POPPER: SALVEMOS AS CRIANÇAS

A minha tese era, e é, que hoje nós estamos educando as nossas crianças para a violência através da televisão e dos outros meios de comunicação. Disse então, e penso ainda, que infelizmente nós precisamos da censura.

O Estado de direito exige a não violência, que é seu núcleo fundamental. Quanto mais negligenciarmos o dever da educação à não-violência, tanto mais deveremos estender o Estado de direito, isto é, as normas das leis nos campos das editoras, da televisão, da comunicação de massa. É um princípio muito simples. E a idéia é sempre a mesma: maximizar a liberdade de cada um nos limites impostos pela liberdade dos outros. Se, ao contrário, vamos adiante como estamos fazendo agora, logo nos encontraremos a viver numa sociedade em que o assassinato será pão cotidiano.

(POPPER, K.. *La lezione di questo secolo*. Entrevista Org. por G. Bosetti. Marsilio, Venezia, 1991. p.35-8)

ZOLO SOBRE A TELEDEMOCRACIA

Na base existe o particular carisma da *leadership* teledemocrática - ela mesma produto de manipulações multimediais - que consiste no curto-circuito entre as expectativas consumista-espetaculares que os *media* radicaram no público e a cristalização e replicação destas expectativas em forma de imagens televisivas personalizadas e idealizadas.

(ZOLO, D. . *Il principio democrático*. Milano: Feltrinelli, 1992. p.194)

SARTORI: DEMOCRACIA EM PERIGO

Nesse caso, assistimos à brutal substituição do homem sábio pelo homem que vê “sem saber” e, portanto, por um ser humano cuja vida não é mais cheia de conceitos, mas, eminentemente, de imagens. Isso, ulteriormente, faz com que o nosso viver preencha-se cada vez mais de emoções. A leitura não nos comove e entusiasma tanto; as imagens comovem e envolvem: fazem amar, sofrer e odiar.

A televisão traduz os problemas em imagens; mas se depois as imagens não são re-traduzidas em problemas, o olho devora a mente: porque o puro e simples ver não nos ilumina em nada sobre como os problemas devam ser enquadrados, dimensionados, enfrentados e resolvidos. Se acontecer o contrário: tudo fica fora de proporção, e nem mesmo se compreende mais quais problemas são falsos e quais verdadeiros.

A democracia é uma abertura de crédito para o *homo sapiens*, para um animal inteligente o bastante para saber criar e gerir uma cidade boa. Mas se o *homo*

sapiens está em perigo, a democracia também está em perigo. O comunismo não conseguiu fabricar um “homem novo”, mas o vídeo-poder o está, de fato, fabricando.

SARTORI, G.. *Democrazia*. Cosa è. Milano: Rizzoli, 1993. p. 326-7

OS DELÍRIOS DE BLOB

A breve onipotência da manipulação não dura nem um dia de montagem. Momentos de êxtase, sim, de dispersão, quando parece que estamos sentados no topo não da Tv ou do mundo, mas da linguagem pura, de um fio ininterrupto, de um provável delírio...

GHEZZI, E.. *Introdução a Il libro di Blob*. Org. Vladimir Fava. Nuova Eri, p.7

BONGIORNO VENCE ECO

É a lógica que produz rubricas televisivas de livros fatalmente populistas; e que leva Serena Dandini a admirar-se (citando, acredito, um curta-metragem de Mario Martone, e ironizando - como é natural) com o fato de Umberto Eco ter sido vencido por Mike Bongiorno. Esta, ao contrário, é a coisa mais normal e mais coerente do mundo - um evento, na verdade, benéfico, que desembaraça o terreno dos equívocos, torna visível o campo de batalha. O que é, de fato, Umberto Eco senão um crítico de Mike Bongiorno? Que mais ele fez (metaforicamente) senão ocupar-se dele? Um é intrínseco ao outro, como um grande crítico é intrínseco ao seu grande (ou não tão grande) autor. Se os estudos sobre Joyce são abandonados porque Mike Bongiorno faz sucesso, não é normal que Mike Bongiorno vença? Era ele a ditar as regras do jogo, o campo de ação e o código.

CORDELLI, F. Guglielmi e Eco uma tv parodia. In: Tuttolibri, suplemento de la stampa, 16 de abril de 1994